

A PROVA DA EXISTÊNCIA DE DEUS: UMA ANÁLISE DA PRIMEIRA VIA DE SÃO TOMÁS DE AQUINO.

Gabriel Soares Pereira¹

Prof. Paulo César Delboni²

RESUMO

A existência de Deus sempre foi motivo de dúvidas na vida do homem, por essa ideia ser para ele uma forma de ser e lidar com a vida. Na sociedade contemporânea, a ideia de Deus ainda ocupa um lugar bem distinto na vida do homem, e esse pensamento religioso o vai moldando e ditando suas ações e seu modo de viver. Por meio de pesquisas bibliográficas em livros, artigos e sites, o estudo buscou informações sobre o tema da existência de Deus. O processo de pesquisa almejou alcançar a resposta do seguinte problema: “é ou não é possível comprovar a existência de Deus, segundo a razão?”. Para tanto, a obra principal que norteou o trabalho foi a summa teológica de São Tomás de Aquino.

Palavra-chave: Tomás de Aquino. Razão. Prova da existência de Deus. Summa Teológica. Motor imóvel.

ABSTRACT

The existence of God has always been a reason for doubts in man's life, because this idea is for him a way of being and dealing with life. In contemporary society, the idea of God still occupies a very different place in man's life, and this religious thought shapes and dictates his actions and his way of living. Through bibliographic research in books, articles and websites, the study sought information on the subject of the existence of God. The research process aimed to reach the answer to the following problem: “Is it or is it not possible to prove the existence of God, according to reason? ”. Therefore, the main work that guided the work was the summa theologica of São Tomás de Aquino.

Keywords: Tomás de Aquino. Reason. Proof of the existence of God. Summa Theologica. Immovable engine.

¹ Graduando em Filosofia, Centro Universitário Salesiano – UniSales – Vitória – ES. E-mail: gabriel.soares.pereira.13@gmail.com

² Professor de Filosofia do Centro Universitário Salesiano. Mestre em Filosofia pela Pontifícia Università Gregoriana (Roma/Itália). E-mail: pdelboni@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Numa sociedade tão descrente como a sociedade contemporânea, a existência de Deus, um Ser supremo, levantam muitos questionamentos. O homem se encontra sempre buscando sua razão de viver, a fim de obter respostas tanto para essa vida quanto para o além vida, e nessa questão a existência de um Deus possui muita relevância, já que Ele dita uma forma de vida, num determinado grupo social, tanto moral quanto ético.

É evidente, na sociedade moderna e contemporânea, a presença da descrença tanto religiosa quanto científica, aonde tudo pode ser colocado em dúvida, coisas que outrora eram tidas como indubitáveis, neste tempo não passa de colocações, precisando assim mais do que nunca a prova por meio da razão.

Tomás de Aquino, filósofo da idade média se detém a buscar provar a existência de Deus por meio das cinco vias da qual a primeira já traz a existência de um motor imóvel, que chamamos Deus.

Ainda que a sociedade, no mundo atual possua uma quantidade nunca vista antes de ateus “pessoas que não acreditam na existência de um Deus”, a pergunta existencial permeia todo o grupo social que não aceita outra coisa senão a forma racional comprovada pelo tempo.

Esse questionamento sobre a existência de um Deus, de um ser sobrenatural, sempre permeou a vida do ser humano, o homem é em si, um ser metafísico que não contente, somente com o que a razão possa lhe dar, vai além, buscando assim na metafísica suas respostas primordiais, que lhe dá o sentido de seu viver. Ainda que em nossa sociedade contemporânea a descrença, tanto na ciência, quanto na religião esteja em alta, o ser humano nunca deixou de se fazer perguntas em relação a sua finitude; essas perguntas, porém, se desencadeiam quando o mesmo começa a buscar provas da existência de Deus, analisando a sua vida e o seu redor passa a se perguntar se Deus existe ou não, de onde partirá a buscar provas.

Tomás de Aquino, buscando provar a existência de Deus, parte do motor imóvel de Aristóteles e chega em sua primeira via a causa eficiente e a partir deste ponto vai destrinchando os adjetivos que possui a causa eficiente, que trataremos adiante. Será neste ponto que iremos discorrer nosso trabalho, tendo como base a Tomás de Aquino e sua suma teológica.

2 O MOTOR IMÓVEL EM ARISTÓTELES

Aristóteles, filósofo Grego, buscou dar uma resposta plausível sobre a existência de uma natureza suprassensível, lançando assim, um fundamento racional filosófico, que Platão chama “teologia” (REALE, 2001, p. 111).

As substâncias corruptíveis, ou seja, a matéria está sujeita a todo o tipo de mudança, por ser ela formada de possibilidades do vir a ser. Tudo neste mundo está em movimento, está em diminuição ou em crescimento, sempre se alterando; porém para que isso possa ocorrer é preciso algo que impulsiona, algo responsável por colocar as coisas em movimento, e como nada vem do nada, Aristóteles chamou a isto de motor imóvel.

O motor imóvel é aquele que coloca todas as coisas em movimento, mas não possui nada anterior a si que o coloca para mover-se, pois é ele sua causa final, que mais tarde Tomás de Aquino chamará Deus. Diferentemente das coisas presentes no mundo que estão sujeitas à corrupção, às mudanças, por serem compostas de matéria, o ser movente é imutável, é eterno, incorruptível e necessário, imutável pois não pode ser modificado, eterno porquê não foi criado, ele era, é e será sempre o que é, incorruptível pois não possui matéria e necessário porquê todos os seres ademais precisam dele. Vale aqui ressaltar que o motor imóvel de Aristóteles não compreende num Deus cristão e sim numa força criadora. Nos diz Aristóteles:

Nem mesmo o movimento eterno [dos céus], se existe movimento eterno, é em potência. E se existe algo eternamente movido, nem mesmo este pode ser movido segundo a potência, mas só de um lugar ao outro. E nada impede que exista uma matéria própria desse tipo de movimento. Por isso, o sol, os astros e todo o céu são sempre em ato: e não se deve temer que eles em certo momento se detenham, como temem os físicos. Eles também não se cansam de cumprir seu curso, porque se movimento não é potência dos contrários, o que tornaria fatigante a continuidade do movimento. E a causa dessa fadiga está no fato de que as coisas corruptíveis é matéria e potência e não ato (REALE, 2001, p. 111-112).

O motor imóvel, conceito criado por Aristóteles, busca apresentar de forma racional o princípio maior da natureza. O filósofo observando o ciclo do mundo, o ciclo da vida, pôde constatar que na natureza, formada pelo ser movente, tudo nasce, cresce e morre, dando assim, um novo sentido à vida, se transformando em energia. Podemos aqui citar uma semente plantada que com o passar dos anos se transformou numa bela árvore repleta por suas folhas verdes, mas que com o passar das estações vão, as folhas, murchando, secando até que chega um dia que se desprende do grande galho que estava e cai no chão, transformando-se, assim, em

adubo; essa é a força percebida por Aristóteles, que o mesmo busca investigar (CARNEIRO, 2012).

Antes de adentrarmos propriamente no motor imóvel precisamos explicitar o que viria ser o movimento. O movimento, em si, é a força necessária para a transformação de algo, é a potência que perpassa ao ato. Para Aristóteles, o motor imóvel é um ato puro, não possui matéria e nem substância formal, ou seja, em seu ser não há qualquer tipo de potência, pois se assim não fosse o motor imóvel seria um ser móvel e estaria sujeito a mudanças (CAVALCANTE, 2021).

O motor imóvel é necessário, pois é por conta dele que todas as coisas existem, elas precisam de um movente, para chegar ao que é móvel é preciso passar primeiro ao que não é móvel, ao eterno. Ele é eterno, pois não foi criado e está presente no tempo. Imóvel, porque por ser a última causa dos movimentos e possuir sua força provinda dos entes. Aristóteles não consegue dar um início para o motor imóvel, para o filósofo o motor imóvel sempre existiu, atraindo as coisas a si pela força do amor, e por meio dessa atração modificando-as.

Os pensadores antigos diziam que no mundo havia três substâncias, a começar pela substância sensível que se reparte em três tópicos são elas: a substância eterna, a corruptível e a imóvel. A substância corruptível está presente em todos os seres, tanto nos animais quanto nas plantas. Enquanto as duas primeiras substâncias estão sujeitas a serem objeto da física a última, a saber: a substância imóvel está sujeita a ciência por não possuir ela nenhum princípio comum com as outras duas, sendo está sujeita ao movimento. A substância sensível, ou seja, a matéria está sempre sujeita à mudanças que ocorrem em quatro níveis o primeiro se diz em relação a essência, o segundo a qualidade, o terceiro a quantidade e o quarto ao lugar. Nos diz Geovanni Reali “[...] corrupção são mudanças segundo a substância, aumento e diminuição segundo a quantidade, alteração segundo a qualidade, translação segundo o lugar” (ARISTÓTELES, 2002, p. 545). Essa mudança se dá por conta dos contrários, dos opostos que se atraem a fim de modificar a matéria que passa em potência para o ato.

Vale ressaltar no que diz respeito a mudança que tudo o que muda, muda por conta de algum ato e muda para alguma coisa, então, assim sendo, podemos chamar de motor próximo aquilo que faz com que ocorra a mudança e chamar matéria aquilo que sofre a mudança, dessa forma nos é possível observar que toda substância

gera outra e assim consecutivamente, porém se faz preciso um ponto onde se deva parar. As causas motoras existem antes do objeto, da matéria, enquanto as causas formais, ou seja, o conceito que cada objeto possui, somente existe junto ao objeto.

Neste mundo há seres que é possível de se separar e outros não, sendo que somente é substância os seres que não são possíveis de se separar. Por conta disso temos a diferença em o ser potência e o ser matéria, quando a matéria recebe o ato, em potência para modificá-la, formá-la, pode acontecer que a matéria resultante que se forma após o ato potencial não possua a mesma matéria. Uma mesa feita por um grande carpinteiro ainda possui sua matéria inicial, ou seja, a madeira, já o homem não, o homem é formada por fogo, terra e água, mas possui sua forma material posterior ao ato totalmente diferente, além de cada ser humano possuir sua forma diferenciada, há, é claro, uma identificação universal enquanto humano, porém existe, também, a diferenciação de cada indivíduo, ainda que fisicamente sejam idênticos, por exemplo o caso dos gêmeos, ainda assim, não são idênticos por possuírem sua matéria, sua forma e causa eficiente numericamente diferenciada.

Após analisarmos as substâncias, as duas físicas e a imóvel, podemos constatar que dentre elas uma não é corrompida, ela é eterna e imutável, pois se todas as substâncias fossem passíveis de corrupção não haveria no mundo nada de não seria corrompido. E como o movimento não pode se gerir e depois se corromper, pois ele sempre foi, assim como o tempo, também, por que não há um ante e um depois se não temos a presença do tempo, então, movimento e tempo andam juntos, não podemos os separar por serem os dois contínuos em seu agir, a ponto de não sabermos se o tempo é o mesmo que o movimento ou é somente uma característica do movimento.

O motor imóvel precisa ser um princípio dotado de ato, para que possa ter movimento, Enquanto que as substâncias precisam ser resguardadas de matéria por serem eternas. Então a potência é anterior ao ato, sendo o ser movente eterno ele convoca para si o mutável por meio da atração, do belo.

Temos, portanto, duas substâncias como já dissertamos, acima, uma é incorruptível e outra corruptível, uma é imóvel e outra móvel. Podemos citar o tempo e o movimento, substâncias imóveis e incorruptíveis, eternas e contínuas; o tempo, assim como o movimento, nunca deixam de ser para se tornar algo no futuro, o

tempo no passado é tempo, no presente é tempo e assim no futuro será o tempo, somos nós que por ele passamos da mesma forma é o movimento, assim sendo, a primeira essência do motor imóvel é ser ato puro, eterno, isento de matéria e de potência, para que assim possa dele surgir a ideia de eterno e o movimento, que antes de tudo deva ser potência para se tornar ato. No princípio a substância é um ser em potência, a potência é em si aquela força interior capaz de transformar aquela substância no ato final de seu ser, por meio do movimento, advindo do movente. “A matéria e a potência não se movem a si próprias e pressupõem necessariamente o princípio motor em ato.” (ARISTÓTELES, 2002, p. 606).

Advindo o movimento de uma substância incorruptível, como se explica, então, o surgimento de substâncias corruptas, será possível um ato puro dar origem a um ser corrompido? Muitos filósofos buscaram dar respostas a essa indagação. Entre eles os naturalistas que ao discutirem diziam que tudo derivava da noite e do caos que para eles são potências, ou seja, a força capaz de forjar o ser a se tornar, já Platão e Leucipo afirmavam que o movimento era eterno, enquanto Empédocles e Anaxágoras se baseavam, aquele, na força da amizade e na discórdia e este no Nous. “A noite e o caos não existiram infinitamente, mas se o ato é antes da potência, existiram sempre as mesmas coisas. No mundo sempre houve geração e corrupção, e todas as coisas sempre ocorreram com a mesma constância” (ARISTÓTELES, apud REALE, 2002, p. 606).

O que causa a corrupção nas coisas, ou seja, a causa de corrupção se deve a distância que a substância está do ser movente, numa geração o sol se aproxima e se distancia da terra, assim também, o homem que no círculo oblíquo de sua vida vai se distanciando e se aproximando do motor imóvel. Dessa forma se explica, em Aristóteles a geração da corrupção.

É impossível, em Aristóteles, pensar um movimento anterior ao motor imóvel, para o filósofo, não pode haver nada que se anteponha ao primeiro movente, pois se assim o fosse o primeiro movente, não seria o imóvel, pois estaria em movimento por conta de outrem, então não se pode pensar numa geração do tempo, pois se assim fosse precisaríamos afirmar a existência do próprio tempo, não há um tempo anterior e um tempo posterior, até mesmo porque o tempo não existe. O tempo não possui início e nem fim, ele está em nossa mente, esse pensamento vai em desencontro com a teoria da criação. Antes de Deus fazer o tempo o que era? Essa pergunta levada no

sentido temporal não possui uma resposta. É importante esclarecer que o tempo existe, em Aristóteles, ainda que pareça que não, porém o tempo está submetido ao movimento, sem o movimento o tempo não existira, pois é o movimento o responsável por definir o espaço, o presente, o passado, o futuro, se não houvesse o movimento o tempo não possuiria razão de ser, pois o tempo em si é estagnado, ele somente é, assim como o movimento não existe fora das coisas e sim nas coisas movidas, nas substâncias que são eternamente movidas pelo eterno motor.

O ato é sempre anterior a potência quando se comparado com a existência de outro, ou seja, a potência de forma individual é sempre anterior ao ato, em contrapartida o ato é sempre anterior a potência quando colocados a nível universal, essa afirmação feita pelos filósofos pontua que há um princípio movente ativo, sendo assim, o ato o próprio princípio movente, anterior a potência (ARISTÓTELES apud REALE, 2002, p. 612).

2.1 AS CINCO VIAS DE SÃO TOMÁS DE AQUINO

A ideia de Deus ocupou e ocupa na vida do ser humano um lugar de destaque, no qual busca, o homem, encontrar no divino seu motivo de existência. Em outrora na Idade Média Deus possuía um lugar privilegiado no meio social, moral e político o quê com o passar do tempo foi mudando, por perder o cristianismo o domínio social separando-se religião e estado. Sendo o ocidente fundado sob a tradição cristã, o mesmo foi aos poucos negando essa cultura e adquirindo outra uma cultura, uma cultura atea, o que fez a Europa muito antes. Essa situação aconteceu, também no meio não cristão; isso se deve, também, ao processo científico avançado que prometia novas respostas ao homem sobre sua existência e sobre sua possibilidade de decidir; porém com o passar do tempo o homem foi observando que mesmo com o avanço da ciência ela não era capaz de dar um sentido a sua vida, mas sim uma resolução de certos problemas de cunhos práticos, o que o fez se frustrar e desacreditar da capacidade da ciência. Essa situação fez com que houvesse um ressurgimento de religiosidade na segunda metade do século XX.

Observa-se um renascimento clamoroso da religiosidade. Falou-se até em “desforra de Deus”. De um modo geral, a predição da extinção da religião, como algo ligado a uma mentalidade pré-lógica, própria da infância da humanidade, não se tem confirmado. Cerca de 84% da população mundial, portanto, a grande maioria, declara pertencer a alguma religião (DOWELL, 2016, p. 3).

O desencanto fornecido pela ciência ao ser humano, por conta dos avanços tecnológicos desrespeitosos ao homem, deixa grande brecha para que o homem passe a esperar por justiça em uma pós vida, num além, aonde ele busca a religião que dar essa resposta a ele, resposta essa da qual está sedento e que a ciência na qual confiou, na qual embasou seu viver e que não encontrou nela o motivo da vida dá de forma negativa. Não somente a ciência, mas, também as ideologias contemporâneas que visam dar ao homem um porquê de sua existência, falham e traz para o ser humano a crise existencial, o desespero por não saber por que vive e para que vive.

As descobertas científicas e invenções tecnológicas (apesar das muitas contribuições para o bem-estar humano), longe de confirmarem as esperanças de um mundo melhor, agravaram a situação de insegurança e miséria. Esta situação resulta, por um lado, do mau uso dos novos recursos disponíveis (bombas nucleares, manipulação genética) e mais ainda da restrição dos seus benefícios a minorias privilegiadas com aumento das desigualdades econômico-sociais a nível mundial (DOWELL, 2016, p. 3).

A crença e a não crença na sociedade pós moderna, como nos foi possível enxergar, andam lado a lado apesar de nos parecer uma situação irreconciliável, a cultura antropocêntrica racionalista é uma cultura secularizada, fundada sobre bases inconsistentes como a absolutização do humano e a racionalidade instrumental, que com o tempo vem a ruir. A crença, apesar de passar por todas as intempéries em nosso tempo, não pode ser anulada da sociedade pós moderna, por ser ela a responsável por ditar o limite humano, um objeto estritamente necessário para afirmar o porquê da existência do homem. Num mundo social, onde o ser humano é a sua própria medida, o senso de rumo, ou seja, a autossuficiência traz para ele a perda de si mesmo, a perda de parâmetros, tão necessários para sua existência, que o leva a uma profunda desesperança e ao primeiro questionamento: Deus existe?

O conceito de razão em São Tomás de Aquino dirá que sim, Deus existe, mas o sim por si só não é suficiente para levar o homem pós moderno a uma crença, é necessário comprová-la e para isso São Tomás de Aquino usa de cinco provas da existência de Deus, são elas: a primeira, o motor imóvel, a segunda, a causa eficiente, a terceira o possível e o necessário, a quarta, os graus de perfeição, e a quinta, o governo do mundo, dentre todas essas vias abordaremos somente a primeira por ser o conjunto da obra muito extenso e por possuir a gênese de todo o pensamento do filósofo, no que tange a existência de Deus. O motor imóvel relata o movimento que as coisas no mundo possuem, e que pode ser percebido por nossos

sentidos. No mundo algumas coisas são movidas, nem tudo é movido, porém tudo o que é movido é movido por outrem e assim por diante, até ao ponto que se necessita de algo que move, mas não está em movimento, o que São Tomás chama de Deus. O movimento em São Tomás de Aquino se entende como em Aristóteles, movimento consiste em levar algo da potência ao ato, ou seja, de tornar algo do vir a ser em um ser. O homem ao tomar essa via de São Tomás consegue enxergar nela a necessidade de um ser que tenha colocado o mundo em movimento, a necessidade de um ser maior, que o cristianismo chama Deus, e que outras religiões dão outros nomes, mas o mesmo não duvida da existência de um ser maior, ainda que de Deus nada se possa conhecer a não ser por suas obras realizadas; o homem possui uma ideia de Deus ao olhar para si e ao seu redor e retirar tudo de melhor que há, a partir de seus sentidos. A ideia de Deus possui parâmetros que estão ligados a bondade, ao amor e a misericórdia, mas que não podem ser comprovadas, pois são somente ideias advindas de nossos sentidos, e os sentidos não são cem por cento confiáveis, porém responde a principal dúvida do homem em relação a existência de Deus e o auxilia na busca dando-o um sentido para seu viver, regradando sua vida.

A crença de uma pessoa em um Deus não pode ser medida por meio da religião, ou seja, se a pessoa professa uma religião acredita em deus, se não professa é uma pessoa descrente, por ser a fé algo que envolve toda a existência humana.

Alguém pode afirmar a existência de Deus, considerar-se crente, pertencendo ou não a uma instituição religiosa, sem, todavia, comprometer-se de algum modo com o que tal afirmação significa em si mesma. Fica claro, portanto, que a verdadeira fé em Deus envolve e compromete toda a existência. Muitas pessoas dizem que creem em Deus, p.ex. no Deus cristão, simplesmente porque foram criadas numa família ou num ambiente no qual se professava esta fé, sem nunca terem assumido pessoalmente a sua crença (DOWELL, 2016, p.5).

Para São Tomás de Aquino, a existência de Deus é algo evidente por si só, assim como para Damasceno que isso relata em seu livro (AQUINO, 2001, p.161).

Um dos primeiros princípios para a demonstração de Deus, surge do compreender o todo que por si só é maior que a parte, ou seja, o que há na realidade e no intelecto é maior do que somente existe no intelecto, sendo assim, Deus é um ser que existe na realidade e em nosso intelecto, então sua existência é evidente para nós, ainda que alguns neguem essa existência, de forma contraditória, afirmam que ela existe, por essa poder ser negada “Pois se a verdade não existe, é verdadeiro que a

verdade não existe. Se existe algo verdadeiro, é necessário que exista a verdade” (AQUINO, 2001, p.162).

Adentramos agora na demonstração da existência de Deus após afirmação de que Deus existe e de que o homem quando nasce já traz consigo esta busca pelo transcendente, veremos se é possível, em Tomás de Aquino demonstrar que este Deus exista. De início aparentemente é impossível demonstrar a existência de Deus, como já citamos aqui o homem busca Deus nos seus efeitos, por não possuir pleno conhecimento de Deus. A existência de Deus é um artigo de fé e não é possível demonstrar os artigos de fé, pois se não os mesmos se tornariam ciência, se precisaria de provas concretas, palpáveis que comprovassem a existência de um Ser-supremo e isso não é possível, embora, como nos diz a Carta aos Hebreus, a fé diz respeito àquilo que não conseguimos enxergar. Porém podemos analisar as suas obras, embora, suas obras não seja Ele em si, pois suas obras são finitas e Ele é infinito, mas como afirma a sabedoria popular: uma árvore se conhece pelos frutos.

Assim como as evidências há, também, dois tipos de demonstração a primeira delas é pela causa e a segunda é pelos efeitos. A primeira a chamada *propter quid* parte do interior de forma absoluta e a segunda a *quia* parte do interior para nós. Quando os efeitos, as obras de algo se manifesta mais que o próprio autor recorreremos a eles para buscarmos conhecer o autor, essa ideia não é diferente na busca da demonstração da existência de Deus, pois seus efeitos nos são muito mais conhecidos do que Ele próprio, então pode-se assim afirmar que a existência de Deus a nós não é evidente, porém pode ser demonstrada pelos efeitos que nós percebemos. O próprio nome de Deus significa o que enxergamos nos seus efeitos e é por meio de seus efeitos que nos é possível conhecer sua causa, embora não podemos o conhecer de forma integral enquanto sua essência.

O nome de Deus é sempre relacionado, como já dissemos, a seus efeitos e um de seus efeitos é o bem infinito, então Deus é o bem infinito e se Deus é o bem infinito no mundo não há o mal, porém no mundo existe o mal, logo se chega à conclusão que Deus não existe. Afim que rebater afirmações, conclusões como essa Tomás de Aquino usa das cinco vias comprovatórias da existência do Sumo Bem. A primeira via diz respeito ao movimento, neste mundo tudo o que se move é movido por algo, nada se move se não estiver em potência de ao que está o movendo, sendo que o que está em ato não pode estar ao mesmo tempo em potência. O primeiro motor, o

motor imóvel de Aristóteles, Tomás de Aquino chama Deus. Ele pega a filosofia de Aristóteles, o pensamento e catequiza, interpreta de forma cristã. A segunda via, nessa busca de provar a existência de Deus, parte da razão da parte eficiente, por podermos encontrar na realidade uma ordem entre as causas eficientes, embora não nos é possível encontrar nas causas eficientes o que seja a causa de si próprio, pois, assim, não haveria nada anterior, mas assim não acontece, tudo possui uma causa eficiente anterior, exceto o primeiro motor, o motor imóvel.

A terceira via se dá pela possibilidade e pela necessidade, as coisas existentes neste mundo possuem seu início e seu fim, isso quer dizer que houve um tempo em que nada existisse, e somente passou a existir por uma força maior que sempre existiu, esse ser anterior a tudo e a todos, responsável por dar origem as coisas o filósofo chama Deus.

As coisas... podem ser ou não ser, uma vez que algumas se encontram nascem e perecem. Consequentemente, podem ser e não ser. Mas é impossível ser para sempre o que é de tal natureza, pois o que pode não ser não é em algum momento. Se tudo pode não ser, houve um momento em que nada havia. Ora, se isso é verdadeiro, ainda agora nada existiria; pois o que não é só passa a ser por intermédio de algo que já é (AQUINO, 2001, p.167).

A quarta via se diz daquilo que é possível encontrarmos nas coisas presentes no mundo, no mundo encontramos coisas boas e coisas nem tão boas, coisas verdadeiras e coisas não verdadeiras. Tudo o que é em si o grau supremo possui a causa de tudo o que se aproxima. Deus, sendo, então, o bem supremo, a eterna perfeição, transforma, assim, quem dele se aproxima a bondade, Ele eleva em perfeição.

E por fim a quinta via se dá no governo das coisas. Como já citamos, tudo possui um início e fim, exceto o motor imóvel, possui, também, um fim de finalidade, o lápis, por exemplo possui o fim de escrever, a borracha o fim de apagar, porém para que cada qual possa chegar ao seu fim é necessário que possua o conhecimento de seu fim, que mostre para que serve. É nesse ponto que o homem contemporâneo entra em crise, e busca descobrir sua essência, procurando em diversas linhas de pensamento sua utilidade, Cada linha de pensamento relata ao homem um fim, para o Marxismo o fim do homem é produzir, para o capitalismo o fim é o consumir, Mas para Tomás de Aquino o fim do homem é voltar-se para Deus, sendo Deus, essa inteligência ordenadora.

Deve-se afirmar que, como a natureza age em vista de um fim determinado dirigida por um agente superior, é necessário fazer chegar até Deus, causa primeira, tudo o que a natureza faz. Do mesmo modo, tudo o que é necessário fazer chegar a uma causa mais elevada, além da razão ou da vontade humana. É necessário, pois, que o que é mutável e falível chegue a um princípio imóvel e necessário por si mesmo (AQUINO, 2001, p.169).

2.2 A PRIMEIRA VIA E O MOTOR IMÓVEL

Tomás de Aquino, “cristianizando” o pensamento de Aristóteles, tomou para si a ideia do motor imóvel e deu para ela um significado cristão. Esta primeira via, assim como as outras quatro, a causa eficiente, o ser necessário e os seres possíveis, os graus de perfeição e o governo supremo estão dotadas pelo princípio da causalidade deixada por Aristóteles. Para Tomás de Aquino, o homem é concebido de matéria e forma, corpo e alma, então tudo está unido, sendo o ser humano uma espécie de intermediário entre os minerais, as plantas e os animais. Isso mostra que o homem não está isolado em si mesmo, mas em contato constante com os seres, que assim como ele, também é movido pelo motor imóvel. Sabemos que a primeira via parte da experiência de constatar pelos sentidos que tudo está em constante movimento. No mundo tudo está se transformando, tanto de forma material, quanto de forma sensitiva. Tomás de Aquino, afirma que quando algo está sendo movido é por que está recebendo uma força perfeita que antes não possuía, sendo essa capacidade de transformação a potência (AQUINO, 2001, p.166).

Quando se move algo, o objeto movido está sendo transformado de potência para o ato, é neste ponto que o ser móvel alcança o seu fim, se transforma, o que era em potência no passado se torna em ato no presente. Podemos aqui citar uma semente; a semente possui em si, em potência uma árvore, porém para que essa árvore possa vir se desenvolver a semente precisa passar por um processo de mudança, o processo do perfeito motor que possui em si a razão de ser e de tudo mudar, passando assim, a pequena semente, em potência de uma árvore, em uma árvore em ato. Para Tomás de Aquino, nada pode ser e não ser ao mesmo tempo com o mesmo aspecto, ou seja, o ser movido não pode ser ao mesmo tempo ato e potência, no caso da semente, semente e árvore. Quando a semente recebe a força motora, ela nega o seu ser semente e se transforma em árvore.

Após Tomás de Aquino demonstrar que tudo o que se move, se move por ser movido por outrem, ele chega ao motor completamente imóvel, o qual todas as

coisas estão submetidas, que entende como Deus. Esse motor é concebido por consequências lógicas e necessárias, que apresentamos mais acima, no que tange que tudo possui movimento, porém se faz necessário que haja um motor que não sendo movido mova os motores móveis, pois é preciso um início.

Tudo está subordinado a causalidade do motor imóvel. Tomás de Aquino entende essa causalidade como a providência Divina, sua atividade está presente em todas as coisas, aqui se destaca a universalidade da causalidade divina, como esse motor tudo opera, ele está presente em todas as coisas, aqui se apresenta outro aspecto do divino, a sua onipresença e por fim esse motor possui em si toda a perfeição que os outros motores não possuem, é desse motor que os outros adquirem a inteligência, a ciência, a virtude, enfim, aqui se apresenta a perfeição divina (SANTOS, 2018, n. p.)

Segundo São Tomás de Aquino, o motor imóvel:

é ato puro, porque, por ser motor, é ato, pois um ser opera tanto quanto está em ato; e, por ser imóvel, carece de toda potência, toda vez que potência necessita ser movida ao ato por se já em ato. [...] é perfeição pura ou plenitude de perfeição; porque o ato é perfeição, e ato puro é perfeição pura. [...] Deus é um único, porque é ato puro, e o ato não se divide nem se multiplica, senão por razão da potência, com a qual se entre mesclabilidade e unicidade de Deus. [...] seu operar se identifica com o seu existir, e seu existir com sua essência. Porque n'Ele não cabe composição de potência e ato, pois é ato puro. [...] é absolutamente, imutável, por carecer de toda potência, e, conseqüentemente, eterno. [...] possui, desde a eternidade, todas as perfeições que os motores subordinados vão adquirindo sucessivamente (SANTOS, 2018, n. p.)

Nessa descrição do motor imóvel, Tomás de Aquino esboça o Deus cristão, descrevendo então seus adjetivos, sua perfeição, sua unidade, sua imutabilidade, seu ser que é, e sua eternidade imutável.

Para Aristóteles o motor imóvel é eterno, ato puro, isento de potencialidade e de matéria, é vida espiritual e pensamento de pensamento, para ele esse motor imóvel é o divino que possui em si as substâncias suprassensíveis e imóveis motoras responsáveis pelo movimento das coisas, sendo, também, divina a alma intelectual dos homens e tudo aquilo que é eterno e impossível de corrupção. O motor concebido por Aristóteles é dotado de unicidade e por conta disso deduziu a unidade do mundo.

Aristóteles representa Deus como um espírito autoconsciente. Um espírito muito misterioso, pois o Deus de Aristóteles nunca faz coisa alguma; não tem desejos, vontade, propósito; é uma atividade tão pura, que nunca age. É absolutamente perfeito; portanto, não pode desejar coisa alguma;

portanto, nada faz. Sua única ocupação é contemplar a essência das coisas; e como ele próprio é a essência de todas as coisas, a forma de todas as formas, sua única tarefa é a contemplação de si mesmo (DURANT, 2017, n. p.).

O Deus Aristotélico, vale ressaltar, não é um Deus criador como o é o Deus de Tomás de Aquino. O Deus de Aristóteles é um Deus limitado, para o filósofo é absurdo que Deus pense qualquer coisa que venha a mudar, Deus, então pensa em si mesmo, e não nos homens e nas realidades deste mundo que são imperfeitas e mutáveis, essa limitação se dá por esse Deus não ter criado o mundo e sim o mundo que se formou por si só e dessa forma atraído pela perfeição, tende para Deus; uma outra limitação desse Deus, consiste, em esse não ser capaz do amor, um Deus egoísta que ama somente a si mesmo, porém é objeto de amor, quer ser amado, porém ama somente a si mesmo. Esse Deus, esse motor imóvel, não se curva de forma alguma aos homens e suas necessidades, pois não pode conhecer o homem e porquê não pode o conhecer não é capaz de ama-lo, somente amamos o que conhecemos.

Para Aristóteles, assim como para Platão, é impensável que Deus (o absoluto) ame algo (algo outro que a si), dado que amor é sempre 'tendência a possuir algo do qual se está privado', e Deus não está privado de nada. (É totalmente desconhecida dos gregos a dimensão do amor como dom gratuito de si.) Além disso, Deus não pode amar porque é inteligência pura e, segundo Aristóteles, a inteligência pura é 'impassível' e, como tal, não ama (REALE, 2017, p. 205).

O primeiro motor imóvel, de Aristóteles, embora não tenha o mesmo sentido da primeira via de Tomás de Aquino, nos demonstra a necessidade da existência de algo maior que de direcionamento, sentido as coisas e aos homens, é necessária uma força maior que mova, porém não seja movido, uma ideia de perfeição, uma ideia de beleza suprema, que dê origem a coisas menores. O homem nasce inclinado a buscar a perfeição e nessa busca encontra o motor imóvel que reúne em si a força motora que tudo move a seu favor (REALE, 2017, p. 205).

O homem, não contente ainda, com essa ideia de motor imóvel, de um Deus impessoal, um Deus longe, que é incapaz de amá-lo, de conhecê-lo e de socorrê-lo em suas necessidades. Cria então, uma ideia de um Deus que se assemelha consigo, porém de forma perfeita, e é nessa tentativa de ressignificar o motor imóvel de Aristóteles e provar a existência de Deus que Tomás de Aquino, no período da idade média, dá uma nova visão ao pensamento de Aristóteles, passando então desse Deus longe do ser humano, incapaz de compreendê-lo, incapaz de amá-lo,

para o Deus cristão, um Deus criador, que tudo plasmou, um Deus próximo, capaz do amor e de socorrer o homem em suas necessidades.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência de Deus durante toda a vida humana sempre possuiu um lugar primordial, pelo mesmo tender a buscar o divino, o perfeito, o belo e principalmente a razão de sua existência nesta terra. Provar a existência de Deus Tomás de Aquino nos disse ser impossível, crer em Deus é questão de fé.

Puede decirse con razón, afirma Santo Tomás, que quien desee instruirse debe comenzar por creer a su maestro; jamás podría ese tal alcanzar la ciencia perfecta si no supusiera verdaderas las doctrinas que se le proponen en su iniciación y cuya justificación no puede descubrir todavía (GILSON, 1951, p. 71).

A crença motiva o existir humano e o faz ter esperança na vida e no além vida, não o deixando cair no absurdo da vida que vem nos falar Nith. A fé é questão de escolha, sou eu que decido em que vou acreditar ou não, mas é indispensável ao ser humano crer em algo, por possuir esse aspecto em seu ser. Com o advento da modernidade a ideia de um Deus absoluto, todo poderoso, cedeu na sociedade, seu lugar, para a ciência que buscava possuir toda a explicação que a fé não era capaz de responder, mas com o passar do tempo a ciência, também, apresentou aspectos que não conseguia responder, entrando o homem, mais uma vez na descrença, se sentindo desapontado mais uma vez e sem lugar para colocar sua confiança, ele coloca agora em si próprio, então o crer está sujeito a sua autoconsciência é ele o parâmetro dele, mesmo; o seu próprio Deus.

Essa situação é desoladora para o homem, por ele não ter um parâmetro externo que o guie; apesar disso o Ser-perfeito, o motor imóvel, para Aristóteles, continua o atraindo e o fazendo buscar o ideal, o imutável, essa angústia humana contemporânea conduz o homem ao divino, onde ele encontra motivos de viver, onde ele encontra o caminho que deve seguir.

Ao analisarmos a primeira via de Tomás de Aquino encontramos um Deus sumamente Bom, capaz de amar, um Deus que se compadece do homem. Essa forma de enxergar Deus, o Deus cristão, traz ao homem uma segurança e conforto em seu existir, embora essas características não possam ser comprovadas de forma científica, a não ser pela fé que cada qual tenha.

Essa busca pelo transcendente que possui o ser humano, aumenta quando o mesmo se põe a pensar sobre sua finitude e buscar verdades para se agarrar e se confortar. Como nenhuma resposta é comprovada ele tende a aceitar e tomar para si a que o console o faz se sentir amado, então, apesar, da existência de Deus, do motor imóvel, o homem busca em seu fundo saciar suas carências, seus desejos, gostaria ele de poder manipular Deus, por conta dessa situação que o motor imóvel de Aristóteles, um ser que não conhece o homem e nem o ama, em certo ponto da história passou a não responder mais as necessidades de sua humanidade, neste ponto Marx, quando diz que foi o homem quem criou Deus para suprir suas necessidades, ele possui razão, embora Tomás de Aquino vá em desencontro dessa ideia afirmando que foi o Sumo Bem que antes de tudo e todos criou o universo, quando ainda nada era, Deus é.

O Deus tomista, ainda encontra grande aceitação em nossa sociedade contemporânea, ainda que a mesma tenha e está sofrendo grandes no âmbito da fé. Há em nossos dias grande números de ateus, pessoas que se dizem descrentes em uma ideia que seja transcendental, o motivo desse fenômeno não sabemos ao certo, porém podemos inclinar ao pensamento que essa situação possa está ocorrendo devido as grandes mudanças de paradigmas, de mentalidades, neste mundo polarizado, onde muitos não encontram o sentido de sua existência.

É nesse contexto social que ressurge a ideia de provar a existência de Deus que a própria filosofia, já não se preocupa, tanto, conforme se preocupava no passado, pois ao analisarmos pelo lado da razão, que é o trabalho filosófico sempre chegaremos à conclusão de que, apesar de termos ante nossos olhos sinais do Criador, uma ideia de perfeição, uma tendencia ao sumo bem, nunca conseguiremos provar de forma concreta a existência Divina, por ser uma questão metafísica.

A filosofia trabalhando com o que pode ser falseado, não consegue trabalhar com o que não pode palpar, as questões metafísicas são exemplos disso não é possível comprovar que exista de fato o mundo das ideias de Platão, assim, como não é possível comprovar que não existe; portanto, cabe a cada qual respeitar as diversas formas de cada grupo compreender a existência do “Sumo Bem” e suas formas de manifestação. Crer ou não é questão de fé. Independente da pessoa, de seus prejuízos, a ideia de Deus está presente no convívio social, acreditar ou não, em sua existência, é um a questão pessoal.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. **Suma teológica I**. Edições Loyola, p. 161 – 165. São Paulo, 2001.

CARNEIRO, Alfredo. O Motor Imóvel ou Deus segundo Aristóteles. **Netmundi.org**, 2012. Disponível em: <<https://www.netmundi.org/filosofia/2012/aristoteles-e-o-motor-imovel-tudo-que-se-move-e-movido-por-algo/>>. Acesso em: 28 out. 2022.

CAVALCANTE, Felipe. O que é o primeiro motor imóvel segundo Aristóteles?. **Filosofia do Início**, 2021. Disponível em: <<https://filosofiadoinicio.com/2021/08/primeiro-motor-imovel.html>>. Acesso em: 28 out. 2022.

DOWELL, J. É atual crer em Deus? **CREatividade**, Rio De Janeiro, n. 1, p. 1-9, jun. 2016.

DURANT, Will. “Primeiro motor imóvel”, o Deus de Aristóteles. Td Luiz Carlos do Nascimento Silva. **Pensar Contemporâneo**, 2017. Disponível em: <<https://www.pensarcontemporaneo.com/primeiro-motor/>>. Acesso em: 28 out. 2022.

GILSON, Etienne. **El Tomismo**: Introduccion a la filosofia de Santo Tomás de Aquino. Buenos Aires – Argentina: Ediciones Desclée, 1951.

REALE, Giovanni. **Aristóteles metafísica**. Edições Loyola, p. 112 – 122. São Paulo, 2001. v. 1.

REALE, Giovanni. **Aristóteles metafísica**. Edições Loyola, p. 541 – 585. São Paulo, 2002. v. 2.

REALE, Giovanni. **Aristóteles metafísica**. Edições Loyola, p. 579 –638. São Paulo, 2002. v. 3.

REALE, Giovanni. **Filosofia: antiguidade e idade média**. São Paulo: Paulus, 2017. v.1.b

SANTOS, Mário Ferreira dos. As Cinco Vias de Tomás de Aquino explicada por Mário Ferreira dos Santos: uma apreciação definitiva. **Suma Teológica**, 2018. Disponível em: <<https://sumateologica.wordpress.com/2018/07/20/mario-ferreira-dos-santos-e-as-cinco-vias-de-santo-tomas-de-aquino/>>. Acesso em: 28 out. 2022.